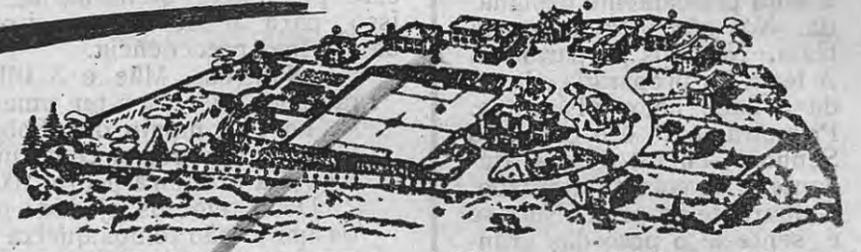


AVENÇA



Visado pela
 Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX ~ N.º 235 ~ PREÇO 1\$00



Crónicas de África

Aqui há tempos lia-se em o *Diário de Notícias* de um jornalista estrangeiro, o qual visitara o Porto e dissera palavras altas do Barredo, perfeições dos seus esgotos e o mais. Vinha no jornal. Uns avisaram-me, outros mandaram-me o recorte e todos estranharam. A dar ouvidos ao jornalista, eu seria um comediante de respeito. Teria seduzido e arrastado milhares de leitores do livro *O Barredo*. Mas eis que hoje leio no *Janeiro* o relato da Sessão da Câmara do Porto, aonde o senhor Vice-Presidente, na presença de seis Vereadores, falando do Barredo, local, afirma ser verdade tudo quanto *O Barredo*, livro, apresenta. Ora acontece que o então Vice-Presidente da Câmara, era o senhor António Calem. Não é preciso dizer mais nada.

De resto compreende-se. O jornalista, por estrangeiro, era acompanhado Ninguém acredita que um português lhe fosse mostrar o Barredo. Esconder sim. Deve tê-lo feito conduzir a um qualquer dos nossos bairros; perto há o da Corujeira. Trocou-lhe o nome, safu a notícia e acabou. Quem pode levar a mal?

Seja como for, cá estamos. O do número um das Escadas, hoje num Sanatório, escreve-me de vez em quando, começando sempre assim: *escrevo-lhe do Paraíso*. Sua mãe, quando por ali passo, quer que eu entre para tomar conhecimento das cartas do seu filho; e usa a mesma linguagem: *elas são do Paraíso*. De maneira que não são em vão as fundas e misteriosas aspirações a um lugar melhor, que Deus implanta na alma da gente. Assim nos ensina o Barredo.

Este doente era tido por um ser perigoso, porque revoltado. A mim mesmo, me aconselharam a que o não fosse ver. E eis que o *Morris*, um dia, pára junto da ponte D. Luís, à Ribeira. O *perigoso* toma lugar. Vai para um sítio aonde lhe dão de comer e ele chama-lhe *Paraíso*. Ele é tão fácil acusar e condenar os Fracos! Quando falamos em revoltados, porque não estudar as causas? Quase sempre é o pão!

Temos ora um outro em mãos. Eles são chusmas. Era de neve a manhã em que estive no seu cubículo. São 7\$50 por dia! Não se acredita. Este e mais dormem com a roupa vestida, por causa do frio! Ao pé está uma mulher nova, com um pequenino tacho de alumínio na mão. É uma sua irmã que vem dos Arcos de Miragaia, numa fugida, tratar o doente. Ter-

ra de heróis e de santos! Acabara de servir e agora, enquanto des-cemos, ela diz-me: *ele só quer comer e eu não tenho*. Eu paro. É uma sala quadrada ao sabor das casas antigas. Duas janelas dão para o beco. O chão é carunchento. Biombos de papelão fazem os quartos, onde habita este e outros a 7\$50 por dia. A irmã do doente não fala de si. Ela não dá fé do seu martírio. Parece-lhe uma coisa natural vir de tão longe, mais de uma vez ao dia, com manifesto desarranjo da sua vida, tão pobre como a do irmão. Não fala de si.

É ainda dele para me dizer, que mal viu dinheiro pede-lhe mais café. E ela sai comigo, tacinho na mão, a reluzir, e fomos ali à tasca mais próxima repetir a dose, para levar ao esfaimado.

É assim a vida dos nossos irmãos do Barredo!

Património dos Pobres

«O gaiato fala uma linguagem nova que convence e arrasta. Sublime literatura a das suas páginas como não se vê em nenhum outro jornal! Eu gostava que ele fosse lido por todas as famílias da minha paróquia. É uma pregação que vai direitinha ao coração de quem o lê ou ouve ler. Como há-de ser? Nem todas poderão pagar a assinatura.

Eu queria a todo o custo que essa chama viva incendiasse os corações dos meus paroquianos. Já começa a atear-se o fogo.

Foram inauguradas as quatro casitas que viu e já estão habitadas. Temos no plano de 1953 construir duas casas, com cozinha, sala, dois quartos e dependências. Hoje estava a rezar o Breviário e ouço o alarme do telefone. Fui atender. Um confrade, concerteza, com lágrimas de alegria nos olhos, porque a voz o deixava adivinhar, comunicou-nos uma notícia muito alegre. Havia um benfeitor que oferecia uma casa para o «Património dos Pobres». Que fosse lá para falar comigo. Primeiro agradei ao Senhor e depois fui. Há de facto um benfeitor. O Sr. Afonso Resende, aqui visinho, já tão largamente tem auxiliado a Sopa dos Pobres e continua, vai oferecer uma linda casa para uma família pobre. E' o fogo da caridade a alastrar na minha paróquia. Isto vai. Estou a ver que as 10 casas se levantam em poucos anos. O Sr. Presidente da Câmara vai pôr a luz eléctrica no

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

Era meio dia quando o comboio onde viajavamos, entrou nas agulhas portuguesas. O mapa ensina que até ali tinha sido território da União Sul Africana e agora é de Portugal. Desde a manhã deste dia, cara lavada e olhos abertos, não nos faltou que admirar. A beira da linha corre uma estrada que diz bem ao pé de qualquer das da Europa. Não são raras as povoações. Há culturas, tomando as laranjeiras o primeiro lugar. Recordo os sítios em que a vista se estende e expande por sobre o verde negro delas. Ao vê-las de perto, de copadas e formosas dir-se-iam moças novas, com saias de muita roda.

Certas estações da linha, são notavelmente povoadas. Do comboio pa.ado ali, vêm-se passageiros de mala na mão, com ares de quem é visita. Em regra, são esperados por famílias, de crianças doiradas e corpolentas. No meio de lindos jardins, vêm-se casas de conforto e de beleza, que também esperam. Há movimento nestas estações. Desvios. Agulhas. Armazens. Gares. Ao longo destas, mercadorias. Não faltam os legumes, os cestos de laranjas e outros produtos da terra. O chão! Não são muitas assim, mas fixei algumas. Enquanto deslizamos e sempre com os olhos de ver, nota-se que as águas são procuradas e conduzidas por tubos e aquedutos; e que a irrigação é o facto principal e responsável por toda aquela riqueza. Se formos a deitar culpas, sucede aqui como em todos os casos, com todos os homens, em todos os tempos; ninguém a quer! Mas o certo é que, por atrasados, nós perdemos os comboios. Já há meio século se falava nas irrigações do vale do Limpopo; e só agora! Quanto não terão feito e até onde terão já chegado os nossos vizinhos da Rodésia?!

Estamos em Ressano Garcia. Se me não engano, é o rio Umbeluzi que ali passa. Debrucei-me na carruagem a ver as suas águas e vou muito depressa procurar o Júlio para que também ele visse; hipopótamos! É África. O comboio tem demora; são as formalidades do estilo. Mostramos os documentos e respondemos às perguntas. Aqui foi um mundo delas! Logo me apercebi que, além de passageiros, nós eramos hóspedes. Iamos ser hóspedes de Lourenço Marques.

Pela janela da carruagem entrava a curiosidade da população inteira. *Ele vai ali*; era a palavra do momento. O chefe da Alfândega, um homem alto e de barrete, oferece uma nota do Banco Ultramarino. Era a primeira migalha.

Outros, outras. Aí vem o chefe dos Correios e Telégrafos, que tinha a missão de informar Lourenço Marques se sim ou não eu ia naquele comboio. Ouvi a sua pergunta. Compreendi tudo e temi. Peço-lhe que não diga nada ao que ele responde não. *Tenho de comunicar*. Era um homem baixo, queimado do sol. Insisto. Digo-lhe que não. *Eu não sou do Governo; sou um homem particular em visita particular*. De nada me valeu! Quando ele ia a caminho da estação, eu saí do carruagem, pego-lhe pela manga da camisa e recomendo uma mentira. Mentira tropical. Ele ralha comigo amorosamente e mandou-me para onde estava. Fui.

Ressano Garcia é notável. Muitas edificações. Muita larguesa. Um bairro indígena igual aos melhores da Província. Vamos rumo à capital. Pouco mais de uma hora e lá estaremos. Chegados à penúltima estação disse ao Júlio—para ficarmos ali. Mas os ventos eram-me contrários. O rapaz levanta-se e diz que não é bonito. Ele tinha razão. Não era bem que viesse mais uma vez à estação, por engano, quem já nessa manhã tinha estado no campo de aviação ao nosso encontro; pois que por este caminho e a esta hora, nos esperava a população da cidade. O Júlio tinha razão. Tomei coragem e prossegui. As horas chegamos. Estávamos na estação de Lourenço Marques. Fazia trinta anos que ali mesmo, em vez de deixar, tomava um comboio para o Cabo da Boa Esperança. Era então um fugitivo. Verdadeiramente não sabia o que queria, tão pouco para donde caminhava! Ninguém estava à minha partida e mais a cidade já naquele tempo era grande e cheia. Tudo era indecisão. Tinha perdido os sentidos. E contudo era eu. Eu pensava. Vivía. Começou então a luta. O homem e a Graça. Esta havia de vencer, sim, mas até aí, quanta dor, meu Deus! Só agora dou fé de que a caneta me ia fugindo para o anunciado livro *De como eu subi ao altar*. Mas não. Regressemos ao mundo e continuemos nesta viagem. O futuro livro, há-de chamar-se, mas é, *Viagens*. Brasil. Açores. África. Zé Eduardo, Avelino e Júlio. Eu não. Eu sou ainda o fugitivo!

EM DISTRIBUIÇÃO
«O BARREDO»
 Pedidos à Editora
 Tipografia de «O Gaiato»
 PAÇO DE SOUSA

UMA DATA

Foi no dia 7 de Fevereiro, à hora previamente designada. Nós não estávamos em festa. Não nos preparamos. A festa foi preparada e levada a cabo pelos visitantes. Primeiramente é o carro do Senhor General e seus ajudantes. Ao volante um cabo. Galhardete na proa. Nota-se e sente-se o peso das grandes horas. A seguir, mais carros do Exército, de onde saem Oficiais das mais variadas patentes. Os carros, uma vez desocupados, alinham no largo da nossa aldeia, frente à capela e em redor do cruzeiro. Conversa-se. Faz-se tempo. *Falta a Unidade*, informa o Chefe do Estado Maior, senhor Major Bessa. *Não deve demorar*. Não demorou. Vê-se ao longe uma extensa fileira de carros, que ficam ao fundo da avenida, tendo os seus ocupantes preferido subir em formatura. Um espectáculo! Os nossos rapazes, aqui, não resistem. Os mais apaixonados deixam, até, as suas obrigações. Eu estou e rezo baixinho... A coluna faz alto junto aos Oficiais, General à frente. O Comandante, manda subir para o salão das escolas. Soldados rasos entram em forma e postam-se em alas. São rapazes dos concelhos de Matozinhos, de Santo Tirso, de Lousada e de Felgueiras. Quantos? Mais de duzentos. Assim reunidos, toma a palavra o mesmo que mandou entrar para a sala. Não é sermão estudado. Estas coisas não se estudam. Ou estão dentro de nós ou não são. Tudo quanto o senhor Comandante disse, estava dentro dele. Era.

Vem agora um ar quase marcial. O General dá ordens. Ao meio da sala, vai um oficial apumado e munido de um documento. Abre. Lê. É um Louvor.

«Usando da faculdade que me confere o artigo 113.º do Regulamento de Disciplina Militar, louvo o BATALHÃO DE METRALHADORAS N.º 3 por mais de uma vez ter demonstrado publicamente, as excelsas virtudes morais dos seus Oficiais, sargentos e praças, os quais, contribuindo, voluntariamente, conseguiram a importância necessária para a construção de uma casa para pobres para ser aumentada ao Património dos Pobres, demonstrando assim possuir, no mais elevado grau, um espírito de corpo, de disciplina e altruismo que fazem da unidade uma escola de civismo e de formação moral, impondo a perante a população civil, prestigiando as Instituições Militares e o bom nome do Exército Português».

QUARTEL GENERAL DO PORTO
7 DE FEVEREIRO DE 1953
O COMANDANTE DA REGIÃO

Manuel Ferreira da Silva Couto Júnior
GENERAL

A hora continua. É uma comunhão. O significado da

(Segue na Terceira Página)

OUTRA CARTA

Tribuna de Coimbra

Elas enriquecem sobremaneira este pequenino quinquenário, por isso, para o bem dos leitores, damos-lhes precedência.

«Nós (Pai, Mãe e 3 filhos) também queremos ter uma casa no Património dos Pobres. Começamos hoje a construí-la. Ai vai a primeira pedral 1000\$. Deus tem-nos ajudado muitíssimo e não temos queixa dos homens que não possamos esquecer. E' pois necessário que nós também ajudemos os que precisamos».

Os outros mil vão para o Barredo, essa chaga tão difícil de cicatrizar, mas que é preciso sanar a todo o custo e a toda a pressa.

Que os que ali vivem nos saibam perdoar o mal que lhe fazemos não os socorrendo a tempo. Eles não pedem esmola, mas apenas justiça.

Porque lha negam os homens?

Uns pobres pecadores».

A carta vem de *Uns pobres pecadores* e é datada do Porto. Pai, Mãe e 3 Filhos; eis a família. Maiúsculas, são do original. Quem escreve sabe medir a profundidade e respeita o que Deus junta. Não existe ali a vulgaridade. Tudo sublime. Maiúsculas.

Aquele *não temos queixas dos homens que não possamos esquecer*, ligado imediatamente ao amor de Deus, pela copulativa; aquela tirada, digo, é um monumento levantado ao Supremo Criador. Ali está a Lei. Ali os Profetas. Ali todo o Evangelho. Porquanto, dizer um que ama a Deus, é fácil; quem é que não bate no peito? Mas provar que ama o Próximo como a si mesmo, não. Não é qualquer.

Mais outra, ou antes, um recorde d'ela. E' de uma cidade do Centro:

«Oh! Certamente que a justiça está ligada ao amor, porque só o amor pode fazer justiça. E a

Património dos Pobres

Continuação da página anterior

terreno do «Património dos Pobres». Os pobres vão ficar fidalgamente instalados. Mas merecem tudo. É a Cristo Jesus que damos.

Concerteza vai regozijar com estas notícias e não quero privá-lo desta alegria. O fermento vai levando a massa e daqui a pouco Cinfães tem casas para todos os seus pobres».

«Existe na realidade muita miséria na família, que tenciono meter na casa do Património dos Pobres. E' um casal com 8 filhos e na véspera de outro, portanto 10 pessoas que habitam uma cabana de palha, onde vivem na maior miséria. Quando chove é unânime o clamor desta gente: coitado do *Picareta* (nome do chefe de família). E' homem que se não vê nas tabernas e tem o cuidado de baptizar os filhos poucos dias depois de nascidos, o que é extraordinário neste Alentejo. A causa da miséria é o facto de ter 8 filhos, tendo o mais velho 14 anos e o mais novo 10 meses e ganhar apenas 8\$00 diários. É a única família que vive em cabanas, piores que os currais do Norte, nesta minha paróquia.

Foi «O Gaiato» que despertou em mim este desejo de ir ao encontro da maior desgraça da minha

maior parte da gente é injusta porque não ama, porque demasiados agarrados às suas próprias pessoas e suas ideias egoístas, não podem compreender a tragédia do mundo, não podem sentir as lágrimas de máguia que crescem nos corações dos humildes.

É por isso que eles dizem que os pobres não sabem agradecer.

Agradecer o quê?, o que lhes querem dar por obrigação, pela ostentação de se fazerem grandes e se mostrarem muito caridosos?

Agradecer a esmola fria dos corações frios e duros. Isso não é esmola, é troça.

Vale o amor, toda a entrega do nosso ser ao bem que se pode dar. E é essa a única finalidade da vida—dar, dar com amor, dar cada vez mais, até que nenhum ser precise de ras-tejar aos pés dos ricos para receber deles a sua fria esmola».

Se por Acção Católica entendemos o apostolado de leigos entre leigos, e-la, e da melhor. Tem graça que a maioria destes pregadores, dizem-se pecadores. E' assim que costumam acabar as suas lições. *Um pecador. Uma pecadora. Uns pobres pecadores*. Sabe-se que não se trata de um estado. Se o fosse, não teria a luz que mostra nódoas e leva à emenda. Não amavam. Não viviam. A graça do arrependimento é uma criação de Deus. Não se trata, dizemos, de um estado de pecado, mas pecadores, isso sim. Sim senhor. Quem disser que não peca—mente. Não há ninguém no mundo que seja capaz de lançar com verdade o repto de Jesus—*quem me pode acusar de pecado?* Ninguém.

E' preciso falar assim, por causa dos santos e das santas das capelinhas.

freguesia. Logo a doutrina do Património dos Pobres, cujo regulamento tenho em meu poder, fazendo portanto da casa uma obra paroquial, para a qual tenho o incitamento do meu Prelado. A casa que desejo construir não terá menos de 4 divisões de 4m² cada divisão e um quintal. Pois acho indispensável para a decência de um lar pelo menos 4 divisões: cozinha, quarto para os pais, quarto para os filhos e quarto para as filhas. Pedindo mais uma vez a sua ajuda para esta obra que tanto me auxiliará na salvação destas almas tão arredias da Igreja, pois eu também estou consigo. Só a caridade vencerá o mundo.»

Eu cheguei a Cinfães, naquele dia. Não era esperado. Entrei na igreja e ali perguntei pelo pároco. *Que estava prás casas, disseram-me. Foi lá ter. Ao pé dos pedreiros andava mais um obreiro. E a ele. Conversamos. Disse-me que a sua igreja necessita muito de obras, mas resolvera acudir aos pobres em primeiro lugar. Não há paroquiano seu que não concorde. Não há paroquiano seu que o não ajude. Nenhum que o não ame. Porquê? Por causa da ordem estabelecida por ele. Daqui a pouco Cinfães tem casas para todos os seus pobres. Eis.*

Depois do Pároco de Cinfães, demos a palavra ao de Barbacena. Que distância! E quem perto não estão os dois...! Poderia meter também aqui o de Torres Vedras que as diz boas e anda a fazer casas para os pobres. Parece que os três conversara, de tão afinadinhos! Mas voltaremos. Hoje não.

Dá conta da tua administração. Apresenta o resultado dos talentos que te dei a guardar. São do Evangelho estas frases.

Passou um ano e começou outro. As nossas contas bitetam certo. Ninguém duvide de nós, pois não temos bolsa particular; comemos, vestimos e gastamos o indispensável da bolsa do pobre. E pa ee-me que é este o motivo primário pelo qual, ao contrário de tantas outras, as nossas contas dão certo.

O Senhor confiou-nos talentos espirituais e materiais. Quanto aos espirituais não podemos agora saber do seu rendimento. Só o saberemos na hora da partida para a eternidade, quando chegarmos diante do Justo Juiz. Dos talentos materiais, desses sim, podemos já dar contas.

Confiamos nos setenta e cinco rapazes, da idade dos quatro aos vinte anos. Desasete demais velhos, constituem a família do Lar de Coimbra. Destes, três são estudantes, três empregados de escritório, frequentando um o Curso Comercial Noturno, um serralheiro mecânico, um fotógrafo, um marceneiro, um numa farmácia, outro no H. spital e os restantes empregados de balcão.

Os outros cinquenta e seis formam a Casa de Miranda. Alguns deles, p. r. novos, não frequentaram ainda a escola; quarenta e quatro frequentaram-na, fazendo cinco exames da quarta classe. Dos que já têm exame, dois aprendem o ofício de serralheiro, um de ferreiro, outro de sapateiro, um na nossa quinta e outro no serviço da casa. Cinco deixaram-nos: um fugiu, dois foram para as famílias e dois vieram as mães pedi-los. Os lugares foram logo ocupados.

Um dos campos que absorve grande parte da nossa actividade são as obras. Nós os partimos de habitações acanhadas e impróprias para a formação dos nossos rapazes, ou não encontramos nada e urge construir de raiz.

Começamos a construção de um novo edifício na Casa de Miranda que tem uma superfície de duzentos metros quadrados por dez de alto, onde gastamos cento e oitenta contos. Neste edifício ficam instalados: balneário, refeitório, cozinha, copa, sala de jantar, adega, dispensa, sapataria, quatro quartos, uma sala e um quarto de banho.

Continuamos a engrandecer o Património dos Pobres, com trunfo três casas por nossa conta e risco e duas por nosso risco e por conta de alguém que nos deu a mão e uma outra ainda em construção.

Os pobres fazem parte integrante da nossa família e infeliz da hora em que nós os desprezásemos; seria o nosso declínio.

Nas Casas dos Pobres gastamos perto de cinquenta contos.

Aumentamos a área da nossa quinta com a compra de três propriedades vizinhas que nos custaram trinta contos.

Proporcionamos também alguns dias de colónias de campo a mais de uma centena de crianças pobres de Coimbra. São, durante o ano, os seus dias de festas: luz, ar, água, alimentação cuidada, piasarrinhos, contacto directo com a Natureza. Bem empregados dez contos!

Não descuramos todavia a formação moral e física dos nossos rapazes, garantindo-lhes uma alimentação forte e sã, medicamentos, vestuários, isto import u em 168.181\$40. O que tudo somado dá 438 181\$40. Foi esta a despesa total do Lar de Coimbra e da Casa de Miranda no ano transacto.

Como foram cobertas estas despesas, não sabemos. Só sabemos que chegamos ao fim do ano e pudemos no último dia passar de cara descoberta. Recebemos do Estado 83.220\$00. Andamos p. r. praças e terras e subimos aos supedâneos dos altares e pregamos Cristo vivo nos nossos irmãos pobres e os ouvintes deixaram-nos na saca 41.084\$30. Os nossos vendedores trouxeram do Gaiato, do Pão dos Pobres, do I to é a Casa do Gaiato e do Barredo, 32.588\$30. Por outros caminhos, de que desconhecemos os pormenores, mas que sabe se serem de Deus, ou por carta, ou na mão, em cheque ou vale de correio, servindo se muitos do estabelecimento do Sr. Porfírio Delgado ou Livraria Castelo, chegaram-nos 302.579\$60.

Neste novo ano que começou, queremos continuar a combater o bom combate. O que nos espera, não sabemos. Temos porém uma certeza se levarmos a cruz com generosidade, teremos a vida eterna; e é esta que nos resta.

Trabalharemos com o mesmo entusiasmo pela melhor formação dos nossos, para que eles sejam bons filhos de Deus e bons cidadãos. Esperamos abrigar muitas famílias desabrigadas e, tão depressa nos seja possível começaremos a construir em Coimbra e iremos onde chamarem por nós. Contamos acabar o novo edifício em Miranda e construir ali também a nova escola e salão de festas.

Contamos e temos a certeza do auxílio de Deus. Que os homens nos ajudem também.

PADRE HORACIO

Isto é a Casa do Gaiato

*** As nossas eleições foram este ano tais como nunca! Cada um afirmou a sua vontade e escolheu quem muito bem quis. Assim é que, na Casa I, dois andares, ficou Júlio Gomes a presidir. Casa II andar cimeiro, foi o Cândido da Glória com 16 votos. Sendo a população de 19 rapazes, segue-se que todos o quiseram. No andar fundeiro, é o Carlitos com 12 votos. Casa III, cimeiro, a coisa esteve feia. Rui apanhou 1 voto, Fontarcada apanhou 2, Rogério apanhou 8 e o Preta 11. Andar fundeiro, foi uma chapelada para o Rocha I Teve 18 votos e os mais nada. Casa IV é o mundo dos pequenos, mas também eles escolhem. Falava-se no Joaquim Gomes para o andar fundeiro, mas este só teve 2 votos e escolheram o Choninhas por 17. No andar de cima também se falava no Hélio, mas não. Hélio, um vendedor de toada. Hélio apanhou 4 votos e o Nicolau 23. Aqui é assim. Nós cá somos assim.

Preenchidos os lugares subalternos, vem agora a escolha do chefe supremo; do que manda nos chefes das casas. A notícia é colada nos vidros das casas. A aldeia anda em grande estilo. O coiso, em quem botas? Ai vem a hora decisiva. Cento e vinte e quatro rapazes que sabem ler escrever e contar, vão puxar pelos seus direitos. Aqui dentro não há ilegítimos. Tantos papelinhos quantos deles. Uma cesta sobre a mesa. Grande silêncio! Quem vai ser? Júlio 70, Preta 32, Abel 22.



Feliz Pátria, se o amas!

Este Júlio foi reeleito. Mais os grandes da casa I, de onde ele também é, ao escolherem o seu chefe, também lhe deram a votação! De forma que Júlio é chefe da Comunidade inteira, em duas eleições. Isto é bonito. Mas há melhor. Júlio Go-

A venda em Águeda

Águeda está de parabéns, pelo seu esforço e generosidade, para com a Obra da Rua. Desta vez vendi 90 jornais e 5 livros do «Barredo». Cada vez é mais gente que me quer dar de comer. Desta vez fui a casa doutros senhores que eu ainda não sei o nome. Acabei de comer e como ainda tinha alguns jornais, a senhora foi e chamou uma sua vizinha e perguntou-lhe se já conhecia «O Gaiato», ela disse que sim, mas eis que ela vai lá dentro e nisto vem o marido e diz para a senhora que me tinha dado de comer, para outra vez não me chamar. Eu fiquei a olhar para ele e ele diz, queres me conhecer deixa-me fazer a barba. Isto é só para os nossos amigos leitores verem como há amigos e inimigos. Ouve uma senhora que me deu um bocadinho de carne de porco e disse que era para os adubos das comidas. Outra deu 50\$00 e ainda outra prometeu-me uma roupinha e uns selos. Agora espero alguém que me ofereça um catálogo duns selos, porque eu ando a coleccionar. No dia 11 de Março talvez vão algumas dezenas de pessoas à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Cada vez toda a gente daquela simpática vila é mais minha amiga principalmente a polícia. Faltam poucos para chegar aos 100.

MANUEL FIGUEIREDO

mes é duro. Diz muitas vezes que não e dá a razão das coisas. Diz que não a um companheiro da mesma idade e igualha, constitui por vezes um acto heroico. Mas nós cá somos assim.

Júlio Gomes está indigitado para a África. Irá Com que mágoa o não deixo partir! Felizes os seus futuros Superiores! Felizes os seus futuros Companheiros! Feliz Pátria, se o amas e nos amas a nós!

Júlio Gomes não conhece o pai! Passou muita fome e ainda hoje se ressentente. Mas ele perdoo.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Caros leitores, como sabeis que andamos em obras nesta casa de Miranda, venho hoje dar-vos a notícia de que em breve começará a funcionar a nova cozinha. Os cozinheiros andam ansiosos por se apanharem lá a trabalhar pois é uma cozinha com tudo quanto é bom, uma cozinha de luxo. Mas se não tiverem cuidado é que vai ser um sarilho como já disse o Sr. Padre Horácio. A cozinha velha foi antigamente a capela deste lugar onde a nossa casa está situada e depois teve que ser feita uma nova que a nossa capela e a velha ficou nos a pertencer e que depois veio a servir de cozinha. Foram-se passando anos e como já era velha, agora está no último estado. Cheve como na rua, o vento nem se fala e até já caiu um bocadinho da parede. Agora o fogão já não está na cozinha e usam a lareira. O Sr. Padre Adriano foi jantar à lareira em despedida daquela cozinha. Os cozinheiros estão radiantes e ansiosos para mudarem para a nova mas também querem que façam a comida melhorada...

— Realizou-se no dia 8 de Fevereiro o desafio do costume entre as equipas representativas dos gaiatos e do Liceu D. João III de Coimbra. O desafio decorreu com equilíbrio jogando-se de igual para igual e calma sobretudo no primeiro tempo em que as equipas empatavam a zero bolas. Depois no início da segunda parte Pinguinho pôs os gaiatos em vencedores com um golo espectacular. Depois os visitantes puseram-se ao ataque e fizeram o empate. Passados alguns minutos os visitantes fizeram novo golo pondo o marcador em 2-1. O jogo depois endureceu. Por fim só perto do final os gaiatos conseguiram o empate numa grande penalidade transformada por Zé Eduardo. Por fim se ou o apito final com as equipas empatadas a duas bolas. Podemos salientar os seguintes jogadores. Pelos gaiatos: Alfredo o melhor, depois Pinguinho e Ratinho (guarda-redes). Pelos visitantes: Veiga e Zeca.

— Aqui em Coimbra a venda do «Gaiato» está a correr muitíssimo bem. Os vendedores estão cada vez mais entusiasmados pois para o verão vai ser um aumento formidável. Os livros já se despacharam algumas centenas e os jornais cada vez mais. Por isso continúamos mais trabalho com entusiasmo, lede e propagai as nossas edições.

CARLOS MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA Tivemos cá um doente mais de um mês, que tinha um abcesso no cérebro, que lhe fazia passar noites em claro e lhe tirava o apetite.

Segu para o Porto afim de ser operado, mas de nada lhe valeu porque pouco depois tinha chegado a hora de prestar contas...

Foi na noite de 30 para 31 de Janeiro, que os Bombeiros Voluntários nos bateram à porta com o corpo do precioso doente.

Durante toda a noite, os maiores da casa 3 estiveram por turnos à cabeceira da sua cama, no meio do maior silêncio, onde se ouvia apenas o doce crepitar das velas que ardiam ao pé dum formoso crucifixo, a implorar perdão!

A's 6 horas da tarde do dia seguinte, o seu corpo desceu ao fundo da campa do cemitério, onde permanecerá até ao Juízo Final e a sua alma está rá no Paraíso, lugar dos justos!...

Dai-lhe Senhor o eterno descanso!...

—A nossa tipografia está a manobrar muito bem. Nos últimos dias têm vindo trabalhos aos braços. Temos 4 máquinas em funcionamento e não dão varão! Estamos mesmo a ver que temos de requitar outra... A tipografia soma e segue! Queremos mais trabalho. Prá frente senhores! Assim é que é.

—Andamos agora a disputar um renhido campeonato de Oquei em Campo. Quem vai em primeiro é o grupo do Rogério e o último é o Sporting Club da Tipografia, que tem evidenciado como um bom lanterna...

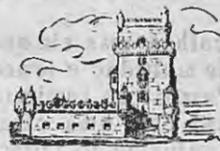
—Fiz em 2 de Janeiro dez anos que o nosso Pai Amér co cobriu com a sua capa os primeiros gaiatos tirados da miséria das ruas de Coimbra.

—Queridos amigos, a nossa conferência precisa do vosso auxilio para progredir e se alargar sempre cada vez mais.

Precisamos de tonar a freguesia toda, que não é nada pequena, para darmos um pouco de conforto aos nossos irmãos.

Alguns passam o dia só com uma tigela de saramagos e muitas vezes nem isso...

Vamos a isto! Que ninguém falte!



Aqui, LISBOA!

De PADRE ADRIANO

Tinhamos deixado, na última visita à Casca-lheira, os seus moradores a braços com a polícia. A ordem de retirada, prorrogada pela vigésima vez, urgia. Mas os homens do casse-tete têm mulher e filhos e coração. Mais uma vez retiraram vencidos. Tudo ficou como dantes.

Havia agora mais tranquilidade, mas não menos desconforto. Chovia. Entro numa das furnas onde habitualmente encontrava um paralítico apenas envolto num saco. Tinha retirado para a hospital. Ali mesmo, enquanto com um pouco de ginástica desvio dos pingos de água que goteja do teto, sou informado de que o velhinho de Estarreja dera já entrada no asilo. Eram menos dois a pensar. Entretanto começam a chegar mais náutragos que transformam a turna numa sala de visitas. Cada qual expõe as suas mazelas e faz os seus pedidos. Mães com filhos nos braços e no ventre querem recomendações para o Senhor Governador Civil par. que lhes dê casas. Uma velhinha apresenta-me cinco netos para que lhes valha, Dei-lhe salvo conduto para vir aqui trazer um deles.

A chuva amainara. Continuamos a visita e alguém encaminhou os nossos passos para os destroços doutros barracos. Ali estava outro simpático velhinho que nos diz ser de Beja, donde viera há anos. Que trabalhara em Lisboa enquanto teve força; agora, demolida a sua toca, albergava-se debaixo duma esteira que uma mulher repartia com ele. Esta aparece pouco depois. Mais parecia um monstro que um ser humano. Por sua vez expõe agora a sua desdita: «Eu não precisava nada disto, Padre: fui criada com muitos mimos, casei, meu marido foi para o Brasil e nunca mais soube dele. Tenho muitos bens na minha terra e vivo aqui mais pobre que Job» Enquanto limpa as lágrimas com um farrapo, pergunto-lhe:

—E por que não vai para a sua terra?

—Tenho vergonha. Estive num sanatório por causa dum ataque cerebral e deram-me por interdita. Fiquei sem nada. Pode averiguar da verdade do que lhe digo, no Outeiro de Lourical.

Averiguar—isso ultrapassa os limites da nossa missão. Vasculhar processos, repor cada um no que é seu, repatriar essa legião de deslocados que anda por aí, é um trabalho de justiça que ocupará uma Entidade, quando o problema for encarado a sério.

Retirei-me atordoado com tanta lamúria. Encaminhei mais uma vez os meus passos para as Irmãs dos Pobres. A porta ficou aberta para o velhinho de Beja. Lentamente vai se dando rumo aos mais infelizes. Mais tarde aqui veio tr um dos cinco abandonados. Não está registado nem baptizado. Tem onze anos e nunca andou noutra escola que não fosse a da rua. Fugiu pouco depois; não queria trabalhar. Também declarou que não queria aprender o Pai Nosso; nem a ler. Os companheiros deram no encolço dele, e reconduziram-no a Casa. O Tarzan encarregou-se de o distrair com a bola. Cumpriu bem a sua tarefa. Já trabalha. Ontem veio mostrar-me as mãos a sangrar. Era do cabo da enxada. Acredito na sua redenção. Foi pelo sangue que se operou a redenção do mundo.

Recomeçaram os trabalhos suspensos pelo Natal. Uma viúva do Tojal veio trazer-me cem escudos para a igreja declarando que eram das suas migalhas. Um gaiato trouxe também da porta duma das igrejas de Lisboa, mil, para o mesmo fim. Com tão bons auspícios puzemos mãos à obra. Recomenciam ao mesmo tempo as obras do Património dos Pobres. Um Senhor do Banco de Portugal manda recado para eu o procurar. Com a voz embargada pela comoção entregou-me um envelope com onze contos e quinhentos. Se fossem doze, escl-reci, dava para uma casa para um Pobre. Ele correu logo por mais 500\$ que me entregou com visível satisfação. «Obrigado pela lembrança! Sim, a casinha em memória da minha saudosa Esposa!» A casa está em construção. Em vez duma pedra fria a cobrir ossos, uma casinha a animar um irmão vivo. Outros empregados do mesmo Banco entregaram mais mil. Os da Mundial continuam juntando no Montepio pedras para mais uma casa. Ao Tojal chegou outra. Era um Senhor que declarou não ficar descansado com

—O Sporting Clube da Tipografia, secção de Oquei, está a progredir a olhos vistos. Temos levado os carpinteiros aos trabalhos.

—O Artur jogou ao boxe com o Dita e este que não é para brincadeiras aplicou-lhe um directo aos queixos deitando-o a gemer por alguns minutos...

Nisto levanta-se e limita-se a dizer:

Deixa estar meu velhaco que eu agora ando a ler livros para estudar aventuras e assim preparar-me para uma batalha sangrenta que tu até vais ver a funiscal...

—Todos os sábados temos tomado banho no nosso balneário com água quente. É bom que assim seja porque se ela fosse fria bem ficava a barrela por fazer.

Os que vieram há pouco tempo do Albergue tinham medo mas agora já se vão portando muito bem graças aos chefes que vão estando de facha e que os fazem limpar todo o cebo...

DANIEL BORGES DA SILVA

sua consciência se não entregasse aquela quantia, antes de fazer anos. Que Deus lhos acrescente. Um seu filho associou-se com cem Mais 100 dum Engenheiro «para que possa construir o meu lar»; 20 da Inspeção do Ensino Particular; 100 do Aeroporto das Lages; 50 do aumento do ordenado; mais a promessa de duas nos peditério de S. Domingos que este ano ficou nos dezoito contos. O do Coração de Jesus manteve-se nos oito. A volta continua. As listas do Montepio vão também sendo diariamente acrescentadas. Vimos depósitos de cinco notas das grandes, calçado revistas e livros. Rcupas, tantas e tais lá cairam este ano findo, que apenas nos foi necessário gastar dois contos e quinhentos com o vestuário dos cento e quinze Rapazes. 20\$ duma Figueirense; 100 em vale, 1.000 de Leiria; 400 do Grémio dos Exportadores de Azeite e 50 litros dele. Mais dez litros na Rua de Timor; 66\$50 num presépio armado por quatro irmãos; da Hidro-Eléctrica do Zé-zete 500\$; 200\$ do Banco E. S. e 50 no mesmo, do Registo Predial; 1.360\$ dos Empregados da Vacuum. Da Praça Duque da 3.ª. 75\$; 100 da Rua J. Falcão e uma carrada de coisas úteis; 20 das Picoas; uma cama e 20 na R. de São Bernardo e um c. lchão, jornais e 100 na das Pedras Negras. Dois fardes de bacalhau que a Comissão não pôde dar, mas deram os Dirigentes; 30 litros de óleo que anda a lubrificar os ossos dos nossos Rapazes. Bolos, arroz, açúcar e lerçóis e uma dúzia de toalhas e mais coisas que vão chegando ao Lar, de muitos que começaram a aprender para lá o caminho; 186 dos Produtos Lácteos; 20 de Coimbra; 40 de alguém que deseja certificar-se se foram entregues; sim, senhor; 20 duma petiza de dez anos por ela coligidos numa festa que organizou. Mais uma carrada de retalhos de fazenda, riscados e peças de cotim, dum senhor que todos os anos aparece; 100 depois da missa de minimal; 1.000 sendo metade para as Conferências e o resto para um cesto de compras do Património, entregues a um Gaiato, à porta duma igreja. «Este dinheiro, diz a carta, foi-me oferecido pelo Natal pelo meu marido para eu comprar o que quisesse para mim. Como o dinheiro não dá a felicidade, e não sou exigente, sinto-me feliz em os dar aos que têm menos que eu»; 155\$50 duma coleta entre os moradores de Men-Martins e Algueirão ao remeterem-nos um novo gaiato que por ali andava ao deus-dará; 5.000 da Câmara Municipal de Lisboa; 50 e 50 para os Pobres do Barredo por alma de pessoas de famílias; 20 do M. do Negócios E.. Finalmente, novas listas no Montepio que pela sua variedade e extensão, impossível se torna fazer dela uma referência pormenorizada, tendo já satisfeito os encargos pios, nelas registados.

Do que nós necessitamos

Continuação da quarta Página

um cheque de três deles. As companhias da Zambézia e do Boror e do Madal, todas de Quelimane, mandam a passar de 15 contos. Um punhado de Portugueses residentes em Brazaville, chegaram aos 18 deles! E a Comissão de Festas de Benguela faz a coisa por menos e manda 5 contos.

Mais encomendas de todo o mundo com roupas usadas, mas a gente tem necessidade de mais e mais. Os que nos batem à porta vêm no fio. E mais nada.

UMA DATA

Continuação da segunda Página

visita, é maior do que divisas e estrelas. Todos são rasos. O Comandante chama por um soldado das fileiras e dá-lhe um abraço. Ele tinha sido um dos maiores no entusiasmo de angariar migalhas para os doze contos da casa do Património. Nesta altura, oiço dizer que muitos tinham dado o seu pré! Sabemos que não é muito, sim, mas é tudo quanto eles tinham.

A hora alta continua. Saboreia-se a comunhão. Um soldado corneteiro sopra um toque regimental, que todos ouvem em continência. Eu estou de lado a rezar baixinho, curvado e confundido. E ora, pela mesma ordem, havendo um Oficial entregado 12 contos, retiram-se todos, mas todos ficaram no coração dos cem mil deste jornal.

Oh! notícias!

Agora

Havemos de nos munir todos de muita paciência porquanto a procissão d'hoje vai levar um tor de tempo; horas e horas. É que o pendão vai nas mãos de uma senhora já entrada em anos e como ele, pendão, pesa dez contos, ela, a senhora, não se despacha. Preparemo nos, pois, para a grande tirada. Imediatamente a seguir vai um Desconhecido, relativamente a nós, sim, mas a Deus não. Tanto este como aquela são de Lisboa. Muitos lisboetas não se gozar por verem tamanhas figuras no cortejo. Arrumem se agora um nadinha que vai passar uma pecadora de Gavião com 100\$. Ela diz-me que espera poder enviar uma casa no fim do ano, o que seria tão bom. E continua: mas ainda será melhor se eu, tendo os, tiver coragem de os mandar. Eis a feid... Angola vai com 90\$00 Um da Junqueira leva 100\$. A Isabel sofreu um pequeno aumento de ordenado e eis que o leva num cestinho — 50\$. Uma do Porto obteve uma colocação que há tanto desejava e agora, de contente, vai neste Agora com o dobro. Uma costureira de 61 anos também, com 20\$. A Maria Alice de Lisboa dá 1 000\$ para uma tela, que tem de ser de cristal, já se vê e ralha. Ela ralha e diz: — como nós os que nos chamamos católicos estamos longe de o ser!

Um bocadinho ao largo, por favor. Vem lá um grupo de funcionários da Figueira da Foz com 120\$00. O dinheiro dos funcionários conhece-se ao longe; traz cotão. S. Pedro do Sul saiu de casa e cá vai com 200\$. Muita cautela. Muito silêncio. Ninguém se mexa! É a Maria Flomena que nasceu há horas. Há 21 meses, nasceu a Augusta Catarina e também foi na procissão com horas de vida e 200\$; tanto como hoje, a sua irmãzinha. São do Porto estes dois anjos. A Mãe Avó ficou em casa. A Maria Leonor vem aqui em festa pelos seus 16 anos de casada e pede uma graça de que muito precisamos. O plural! A união perfeita de corpo e alma! Ninguém ouve hoje pregar a doutrina dos apóstolos sobre a união conjugal, e dá pena. O corpo da mulher é todo e somente do marido; e o deste é todo e somente da mulher. Isto por justiça; contrato bilateral. A Margarida do Funchal vem ao continente com mil escudos. Coimbra leva metade. Outra arrumadela por favor. Lá vem mais dinheiro esmagado! São os da Caixa Geral de Depósitos da Figueira da Foz. O Gerente e 4 funcionários vão aqui com 600\$, parte dos nossos vencimentos. Não dizem as sobras. Que é delas? Falam em uma parte dos salários. Um médico de Anadia leva 50\$. Mais deles. Nas multidões fazem falta por causa das sínopes. Ora oiçam o Arnando de Lisboa: estou em dizer que mais notável ainda do que a das casas do Gaiato e a do Património dos Pobres, é a revolução que você tem feito nos espíritos. Ao que se nota, aqueles três artigos femininos indicam 3 revoluções em marcha das quais a do espírito parece ser a maior de todas! É tudo isto vai no cortejo. Torres Novas vai com 100\$. Aceito. Se fosse de Torres Vedras, tornava a mandar o dinheiro pelo mesmo caminho, com pedido de o fazer chegar às mãos do padre, que anda ocupado com a construção de casas para pobres na sua paróquia. E Torres Novas porque não? Ambas são Torres! Ou será que aqui não as há? Vila Nova de Famalicão dois contos. A primeira prestação da Fonte da Moura com 1.500\$00. Um Engenheiro com 500\$.

A modestíssima pessoa de Lisboa vai com 100\$.

Eu era pra recolher, mas eis que vem lá uma grande multidão e temos de esperar. É o Pessoal do Instituto do Vinho do Porto com uma casa! Desde a porta ao gabinete do Director, — todos, tudo; até a mulher das limpezas! É uma casa de rara beleza pela var idade das pedras. Levou oito meses a assentar! Que segurança! Como estes obreiros, quantos, em acção, por esse Portugal além, — quantos? Quem pode sondar o número e a qualidade? Este Agora enche as medidas e usa uma verdadeira revolução nacional! Porquê? Muito simples. Eu dig: nunca ninguém disse nem escreveu que os pobres são uma classe. Era uma falsa atitude nossa, que os tornava assim. Porém, chega o tempo em que uma voz se levanta, a proclamar que eles, os Pobres, são irmãos dos Ricos; e esta verdade esquecida, abre feridas nos corações, e o mundo dá em ter pena dos pobres e vergonha das tocas; e os obreiros apertam; e as casas constroem-se por centenas; e os sinos repicam; e as almas alegram-se; e Deus torna-se mais conhecido. Eis.

Uma Encomenda

Casa dos Funcionários da Companhia de Diamantes; Dundo
Casa Luso-Brasileira
Casa do Futebol Clube do Porto
Casa da Companhia dos Algodões de Moçambique, Namiala
Casa dos Viceninos de Lourenço Marques
Casa do Chibuto
Casa de Manjactze
Casa do Xai Xai (três placas)
Casa de Inharrime
Casa de Inhambane (duas placas)
Casa do Luabo (duas placas)
Casa do Pessoal do Caminho de Ferro da Beira
Casa do Pessoal do Circulo de S. Úde de Manica e Sofala
Casa dos Maquinistas de Guindastes do Porto da Beira
Casa do Pessoal dos C. T. T. da Província de Moçambique (2 pl.)
Casa da Cidade de Moçambique
Casa do Tribunal da Beira
Casa da Missão da Manga (Beira)
Casa das Mulheres Portuguesas de Bumba (Congo Belg.)
Casa de Angola
Casa de Nampula
Casa do Lubango
Casa da Huila
Casa do Corpo da Guarda Fiscal da Província de Moçambique
Casa «14 Irmãos»
Casa do Pessoal de Via e Obras do Porto da Beira
Casa da População de Tete
Casa da População de Mutarara
Casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala (4 pl.)
Casa do Porto da Beira
Casa do Pessoal das Obras Públicas da Beira
Casa dos Officiais e Alunos da Escola de Sargentos de Águeda
Casa do Batalhão de Metralhadoras 3 do Porto
Casa dos Empregados da Companhia dos Algodões de Moçambique, Namiala
Casa de Um Famalicense
Casa Correia Neves

Eis a encomenda de 44 placas que nós acabamos de fazer à Fábrica Aleluia, de Aveiro, fundo branco e tinta azul, pelas quais a Gerência não leva nada.

PROPAGAI

«O Gaiato»

Da que nós necessitamos

Sim senhor. Recebemos e cumprimos por alma de Maria Carolina e Guilherme. De Belém sim senhor; também. Não tenha medo. Tudo quanto aqui se destina não se perde no caminho. Mais 20 de um seminarista dos Olivais. Mais alguém que fez uma viagem e no regresso deu-nos as sobras: 900\$ e dez dolares. Mais vinte de uma noiva de Valadares. Mais outro tanto do Porto. Mais duzentos da mesma terra. Mais de Castelo Branco 1.120\$. Mais 20\$ do Porto de uma pecadora. Mais 345\$ por intermédio de O Comércio do Porto. Mais 100\$ do Porto.

Mais metade. Mais uma encomenda de roupas de Vila Machado, África Oriental. Sim senhor; em 7 de Novembro de 1952 e 2 de Dezembro do mesmo ano, recebemos e celebramos as missas pedidas. Mesmo que não conste do jornal, ninguém tema descuidos em assunto tão delicado. Mais 100\$ das Caldas. Mais o dobro da Trofa. Mais 50\$ do Porto. Mais 100\$ de Lisboa. Mais camisolas e 200\$ da mesma terra. A Maria Vitória paga todos os meses 50 pelo livro O Barredo! Já é pagar! Mais 50\$ de Casaldelo. Mais 400, o primeiro ordenado do meu filho. É a mãe. Ela pede uma oração para que Deus lhe mostre o caminho. Tanta coisa em que gastar este primeiro ordenado! O seu próprio filho teria já, mesmo, as suas vistas sobre o caso. Mas não. Ele obedece. Dá tudo a sua mãe. Já temos aqui o milagre. Deus mostrou-lhe o caminho. Mais de Vizeu. Mais 2 253\$50 retirados dos mealheiros da Fábrica de Tabacos a Portuense. Ora oiçam: Oficina do Pique, 275\$; Oficina Mecânica de Cigarros Ordinários, 281\$00; Oficina de Picadilho, 532\$50; Oficina N.º 2 465\$. Contabilidade 100\$. Oficina N.º 1 500\$. Isto são tostões que os Operários retiram daquilo que lhes faz falta! E até Julho se Deus quizer. Mais 100\$ de um estudante do Porto. Sim senhor; recebi 100\$ de S. Brás de Alportel. Mais 500\$ de Portelo, Douro. Mais 50\$ do Porto. Mais uma encomenda de roupas de Mossuril, África. Mais 720\$ de Lisboa, angariados entre o Pessoal do Hospital Civil. Mais de Lisboa 50\$ dum pequenino aumento de salário de um operário das Oficinas Gerais da C. P. de Santa Apolónia. O pequenino aumento de salário, vai aumentar a fé de muita gente. Este operário é um homem de folha limpa, que bem merece dos seus superiores. Um vendedor entrega 100\$. Uma estudante de 16 anos, manda o produto de seu trabalho. Vai aqui um aumento de ordenado de 150\$. E uma rapariga do Porto não está com meias medidas e manda-o todo: seiscentos e tal escudos! Como classificar estes heroísmos?! Quem pode distinguir entre as multidões, estas almas de escolha?! O Dr. Zéquinhas torna. Mais cinquenta escudos para azeite. Mais 50\$ de dois pecador. Mais 100\$ do Porto. Mais 200\$ da Comarca da Huila. Mais 200\$. Mais 50\$ para a viuva da Nota da Quinzena. 50\$ do Porto. Mais 300\$ da Câmara dos Corretores do Porto. Mais 500\$ do Porto. Mais 350\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 50\$ do Porto. Mais 200\$ idem. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 50\$. Mais 60\$ de Leiria.

Mais 400\$ do Pessoal da Casa Polónio Basto. Mais 50\$ do Porto. Mais 20\$ de uma aposta. Mais 62\$50 de Lisboa. Mais de Lourenço Marques uma nota de cem escudos. Mais de Abrantes 500\$. Mais 127\$ dos funcionários do Posto Fiscal da Companhia dos Fósforos. Mais 250\$ do Pinhão. Mais de Leiria. Mais 500\$. Mais 15\$ do Porto. Mais 130\$ de Tondela. Mais 40\$ de Mogadouro. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 150\$00 de Alcobaça. Mais roupas de Lisboa. Mais 4 ceiras de figos do Porto. Mais 300\$ do Porto. Mais 173\$50, produto de um trabalho. Mais mil escudos da Companhia dos Diamantes. Do que vai ter e que se retira do Espelho da Moda, nem é bom falar! Os Desportistas da Shell da Beira, África Oriental, deram em jogar a bola, não obstante o calor que faz, e mandaram

(CONTINUA NA QUARTA PÁGINA)

UMA CARTINHA

Chamo-lhe assim por ela ser de duas linhas apenas e o seu autor, um estudante de preparatórios, num colégio. É um jovem a pensar e a escrever;—cartinha.

Com um muito obrigado pela sua obra, mas um muito obrigado tão grande que desejava pudesse oferecer-lhe toda a consolação humana necessária para, num instante, o recompensar prodigamente dos inúmeros esforços pelo, deserdados, por aqueles que gargalham sinistra e cheios de verdade: a palavra «rico» sem saberem que o são, peço-lhe que me envie 2 exemplares de «O Barredo». (O que resta do dinheiro fica como dádiva justa—não esmola).

Um feliz, porque é demais «feliz».

Porém, de conceitos, é um tratado! Quem teria dito a este rapaz? Aonde leu? Mas poderá ser, meu Senhor e Poder Deus? Poderá ser, oh Luz da Luz, que um moço rico, filho de uma família rica, estudante num colégio rico, esteja de posse do engano das riquezas?! Seja capaz de uma definação tão divina, a pontos de chamar e ter por deserdados os herdados do século?!

Aquele gargalhar sinistramente é de meter medo! E quem teria revelado a este moço os meus esforços pelos Deserdados, — quem?! Tem-nos ele em tão alta conta que desejaria oferecer-me toda a consolação humana para, num instante, me recompensar.

Que posso eu oferecer em troca, senão pedir a este rapaz que me empreste um bocadinho da sua luz. Da sua grande alma! Do seu convívio com o Pai Celeste!

Vê-lo não; seria uma curiosidade. Conhecê-lo também não; basta que Deus o conheça e ame. Então quê? Que ele se apaixone pela Obra da Rua, a ponto de ser dela.

Que venha o um infeliz por ser demasiadamente «feliz».